

Admirável tecnologia nova

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



A previsão pessimista do economista inglês Thomas Malthus (1766-1834), de que o crescimento da população no mundo tendia a superar o da produção de alimentos, pode não se concretizar. Embora a população humana continue aumentando, a taxa atual de crescimento diminuiu em relação ao pico atingido em 1963. Outros sinais sugerem que as projeções malthusianas precisam ser revistas. Com os avanços da medicina e da saúde pública em geral, o crescimento populacional absoluto parece estar mais associado a uma redução dos óbitos do que necessariamente ao aumento da natalidade. Em outras palavras, hoje as crianças estão sobrevivendo mais do que no passado, a ponto de influenciar os dados demográficos totais.

Outro fator pontual que pode alterar as estimativas de crescimento é o crescimento populacional negativo verificado em muitos países. No momento, essa categoria inclui mais de 20 nações, principalmente aquelas que faziam parte da extinta União Soviética. Em outras, como, por exemplo, Reino Unido, Espanha e Suécia, a taxa de crescimento é ínfima, próxima do zero. Tal tendência levou alguns países a promover campanhas que oferecem uma série de benefícios a casais dispostos a ter filhos.

Qual seria, no entanto, a causa para o crescimento negativo? A explicação não parece estar nas campanhas de controle da natalidade, que historicamente revelaram-se ineficientes e, até certo ponto, indesejáveis. Em muitos lugares, além de ser encaradas como politicamente incorretas, tais campanhas recebem fortes críticas de cunho religioso. Assim, é preciso considerar a possibilidade de que a própria fertilidade humana esteja diminuindo. A fertilidade, como o crescimento populacional, não é um fenômeno que afeta o planeta de modo homogêneo. Os censos mundiais mostram uma oscilação clara e grandes discrepâncias entre países e regiões quando certos parâmetros são comparados. A taxa de fertilidade, ou seja, o número total de nascimentos por mulher, é um parâmetro que ilustra muito bem as diferenças geográficas. Países da Europa têm uma taxa de fertilidade média em torno de 1,5. Já em Madagascar, na África, esse índice atinge 5,2.

Especular sobre as causas das diferenças de fertilidade não é tarefa trivial, pois os valores demográficos podem refletir o efeito cumulativo ou isolado de grande variedade de fatores, inclusive socioeconômicos e fisiológicos. Independentemente dos elementos causais, a biotecnologia terá em breve a fórmula para restaurar o equilíbrio populacional mundial, se assim o desejarem as lideranças dos países ameaçados de ‘esvaziamento’.

No momento em que são celebrados os 30 anos do nascimento de Louise Brown, o primeiro bebê nascido de fertilização em laboratório (o chamado ‘bebê de proveta’), vários especialistas de diversas áreas da ciência arriscaram previsões sobre o cenário da fertilização *in vitro* nas próximas décadas. Otimistas ou não, esses relatos, publicados na revista *Nature* de 17 de julho, foram elaborados com base no conhecimento disponível hoje e levaram em conta a noção de que os avanços dependerão mais do julgamento ético da sociedade do que das dificuldades técnicas propriamente ditas.

As previsões que mais chamam a atenção, e que podem assustar a muitos, são as que apontam o surgimento de “fazendas de embriões” e úteros artificiais. Assustam porque são perfeitamente viáveis dentro do prazo considerado e estão muito próximas do cenário descrito no célebre romance *Admirável mundo novo*, do inglês Aldous Huxley (1894-1963). É claro que nem tudo no futuro é sinistro e ameaçador. Existem benesses óbvias, como a efetiva eliminação da infertilidade no mundo. Por outro lado, quando – e se – tudo isso estiver implantado, a oferta de embriões sob medida por empresas estará a um passo. E isso pode facilmente progredir para a encomenda de sociedades sob medida, o que definitivamente nos colocará em terra incógnita. Alarmismo infundado? Talvez. Entretanto, diante das novas perspectivas, um dia ainda teremos saudades da boa e velha doutrina malthusiana que se preocupava mais com o lado quantitativo do que com o qualitativo. ■

A biotecnologia terá em breve a fórmula para restaurar o equilíbrio populacional mundial